

POSSIBILIDADES E LIMITES ACERCA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL: O CASO DA ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL HENRIQUE LAGE EM NITERÓI/ RJ

Izabella Lacerda PIMENTA¹

RESUMO: O presente trabalho é resultado de um estudo etnográfico que visa compreender as representações e as práticas de grupos inseridos no processo de iniciação profissional, em escolas técnicas. Apresenta expectativas com relações ao mercado de trabalho. Foi realizada junto aos estudantes do turno da manhã e da noite do último ano do curso médio técnico de máquinas navais da Escola Técnica Estadual Henrique Lage localizada em Niterói/ RJ.

PALAVRAS CHAVES: Ensino médio técnico. Iniciação profissional de jovens.

ABSTRACT: *The present work is a result of an ethnographic study which aims to understand the representations and practices of groups immersed in the process of professional initiation in technical schools. It presents expectations concerning the business market. It was carried through with students from the morning and the night periods of the last year of the naval machines technical course at the Henrique Lage Technical School, located in Niterói/RIO DE JANEIRO*

KEYWORDS: *Technical education. Young people professional initiation.*

Introdução

O processo de iniciação profissional para pessoas inseridas na cultura de classe trabalhadora no Brasil é permeado por inúmeras questões e singularidades. Em alguns casos, a educação profissional está intimamente envolvida neste processo e é neste sentido que o presente trabalho se desenvolve. Este tipo de educação, que existe no Brasil desde o período colonial, sobretudo a partir do governo de D. João VI com a criação do "Colégio das Fábricas", ganha destaque nos debates políticos, especialmente a partir de 1971 através da Lei 5.692/71, que instituía o ensino médio técnico visando: solucionar a defasagem entre educação e trabalho, aumentar a oferta de profissionais técnicos e conter o ingresso

¹ Doutoranda em Antropologia. UFF - Universidade Federal Fluminense. Pós-Graduação em Antropologia. Niterói - RJ. 24210-350 - izabellalacerda@yahoo.com.br

em cursos superiores, já que a formação profissional desobrigaria os jovens a se candidatarem aos cursos superiores (MACIEL, 2005).

A temática "cultura de classe trabalhadora" é recorrente na Antropologia, ganhando mais ênfase no Brasil nas décadas de 1980/90 e permanecendo até os dias atuais como um campo extremamente fértil, produzindo um vasto e peculiar conhecimento sobre as formas através das quais são vividas e representadas diversas dimensões da vida. No caso deste trabalho, opto por adotar a definição de classe social desenvolvida por Thompson (1987). Para este autor, classe não é uma estrutura, mas sim, um fenômeno histórico que ocorre nas relações humanas, o que envolve pessoas e contextos reais, tornando-a algo extremamente móvel e relacional.

A educação profissional é um tema caro à Antropologia devido à sua importância no cenário brasileiro contemporâneo, ganhando destaque principalmente com os massivos investimentos do Governo e interesses diversos e conflitantes, muitas vezes, por parte de empregadores privados ou públicos. Discussões e reflexões sobre este tipo de educação ainda são insuficientes, especialmente aquelas elaboradas por estudiosos das ciências sociais, o que resulta em poucas referências teóricas, já que os estudos que envolvem a educação no Brasil estão mais voltados para a educação primária ou o ensino superior.

A educação profissional não é um elemento que determina de maneira exclusiva a inserção do indivíduo no mercado de trabalho, pois o mundo do trabalho é continuamente dinamizado por transformações sociais das mais diversas ordens, como os avanços tecnológicos e a competição mercadológica que cresce em larga escala, sendo muito aguçada pelos mercados globalizados. Trata-se de entender como a cultura de classe trabalhadora é atravessada por um processo de dominação e como ela atua neste processo, não apenas no sentido de resistência à dominação, ou seja, como ela combina projetos individuais e questões objetivas que limitam os mesmos. A questão é compreender o trabalhador como alguém que atua no mundo social, construindo-o material e simbolicamente.

Para Willis (1991), a educação, mesmo em um país desenvolvido como a Inglaterra, também implica na disseminação das desigualdades sociais. O autor, ao desenvolver uma pesquisa numa escola secundária inglesa no início de 1970, demonstrou a existência de uma cultura contra-escolar presente entre os jovens "não-conformistas" (os "rapazes"), e que estaria profundamente relacionada à reprodução da classe operária. Descrevendo relações entre escolarização, trabalho e classe social, ele chama atenção para o fato de que aqueles jovens teriam poder e controle sobre sua própria existência, mas acabavam reproduzindo a estrutura de classes através da celebração dos valores da cultura contra-escolar. Ainda destaca o fato de que existe uma falácia educacional em que as oportunidades podem ser construídas pela educação e que a mobilidade vertical seria unicamente um elemento vinculado ao esforço individual.

Nesta mesma direção, Bourdieu e Passeron (1982) afirmam que as qualificações e conhecimentos institucionalizados promovem a exclusão

social, bem como legitimam e reproduzem a sociedade de classes ao invés de promover o ser humano. O capital cultural está a serviço dos grupos sociais dominantes porque eles possuem os decodificadores deste capital. Por conseguinte, o capital cultural reproduz o privilégio desses grupos e não confere às pessoas da classe operária a confiança nos diplomas e certificados, que servem, especialmente, “[...]para manter lá aqueles que já estão no topo. [...] Para a classe como uma classe, o gradiente acadêmico e ocupacional mede não capacidades, mas simplesmente sua própria e inalterável repressão.” (WILLIS, 1991, p.162-164)

De outro modo, é importante perceber que esta condição estrutural apresentada como fechada não é tão rígida por duas razões. De um lado, há diferenças históricas na posição e na condição de classe (BOURDIEU, 1974) de determinados segmentos sociais que possibilitam, em certos momentos, acúmulo de escolaridade, por exemplo, e melhor posicionamento no mercado de trabalho, o que resulta em modificações importantes em suas posições. De outro lado, por contar com uma série de determinações e escolhas individuais, estas pessoas não vivem totalmente condicionadas por uma rígida estrutura social que as obriga a seguirem sólidos padrões em termos de produção e reprodução do indivíduo trabalhador, haja vista que há sempre um espaço limitado, mas aberto a projetos individuais. É importante entender os indivíduos enquanto plurais, produzidos e produtores das relações sociais, porquanto as realidades sociais são simultaneamente objetivadas e interiorizadas segundo preceitos construtivistas (CORCUFF, 2001).

A escola técnica ocupa um espaço simbólico singular por, idealmente, basear-se não somente no eixo teórico, mas também no prático. O aprendizado da profissão na escola profissionalizante está necessariamente associado ao *fazer*. A escola profissionalizante, idealmente falando, é uma alternativa que mescla *teoria* e *prática*, o que implica disciplina e *responsabilidade*, valores básicos para os trabalhadores. Por conseguinte, “[...] seja sob a forma institucional escola, seja sob a forma institucional fábrica, o que está em jogo ali é uma parte de um amplo processo de disciplinarização, em que impera uma racionalidade que deve ser incorporada pelos aprendizes [...]” (FOUCAULT, 1977 apud GUEDES, 1997, p.219), pois a “escola é a agência do controle face-a-face *par excellence*” (WILLIS, 1991, p.89). No entanto, é possível observar a existência de cursos técnicos exclusivamente teóricos, como é o caso do curso médio técnico em máquinas navais – que trabalha com a parte mecânica do navio – da Escola Técnica Estadual Henrique Lage em Niterói/ RJ.

É necessário dar devida atenção às mudanças que ocorrem na educação profissional, que, mesmo que não representem alterações muito evidentes no nível estrutural, podem representar mudanças sutis nas posições sociais de determinados segmentos sociais. Além disso, é necessário enfatizar, especialmente, o olhar das pessoas incluídas neste contexto. É crucial levar em conta que entender a trajetória de um estudante da educação profissional e suas perspectivas em relação ao universo do trabalho requer a adoção de uma perspectiva que considere o

dinamismo da vida social, relações, estruturas, tensões, limites e concepções que compõem a experiência desta pessoa.

Investigando os Aprendizes da Escola Técnica Estadual Henrique Lage

O objeto da pesquisa em questão consiste nas representações e práticas de pessoas de classe trabalhadora inseridas no processo de iniciação profissional proporcionado por escolas técnicas quanto à categoria trabalho, as expectativas e as relações destas pessoas com o mercado de trabalho. A investigação centra-se na importância do trabalho e da educação profissional a partir da trajetória de vida destas pessoas que tanto são produzidas pela sociedade quanto a produzem dentro de um contexto de determinações e escolhas.

Assim, realizei uma etnografia junto aos estudantes do curso de máquinas navais da Escola Técnica Estadual Henrique Lage, integrada à Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC), que por sua vez encontra-se vinculada à Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia. Diante das diversas escolas profissionalizantes existentes no Grande Rio de Janeiro, a Escola Técnica Estadual Henrique Lage foi escolhida por se tratar de uma instituição de caráter estadual que vem merecendo menor atenção dos estudiosos em detrimento, por exemplo, aos Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs). Ademais, a instituição, que tem 85 anos de existência, é uma escola técnica tradicional importante para a formação profissional e dinamização do mercado de trabalho dos municípios de São Gonçalo e Niterói, sendo concebida inicialmente como "Escola do Trabalho" (GUEDES, 1997). Atualmente, devido às parcerias com empresas como a Petrobrás, que irá instalar o Complexo Petroquímico do Estado do Rio de Janeiro em Itaboraí, a Escola, que vem passando por reformas na estrutura física, irá desempenhar papel fundamental na formação e capacitação de trabalhadores de outros municípios próximos.

As unidades de análise social da pesquisa foram as turmas do 3º ano do turno da manhã e da noite do curso médio técnico em máquinas navais, escolha norteada pelo fato do curso ser exclusivamente teórico. Para tanto, lanço mão do recurso metodológico da trajetória de vida, uma trajetória vista como individual e coletiva, ou seja, a trajetória do indivíduo em processo de formação e iniciação profissional, delineando percursos coletivos, mesmo que sejam percebidos e vividos individualmente.

A etnografia, por ser uma descrição de parte da vida social no seu processo contínuo de recriação (GUEDES, 1997), requer um acompanhamento do cotidiano ou de parte do cotidiano dos pesquisados. A pesquisa esteve calcada na observação participante. Privilegiei, a observação continuada ao longo das aulas e atividades extra-classe, o contato intenso com certos informantes e as entrevistas gravadas. A

proposta foi o acompanhamento minucioso de alguns estudantes selecionados das turmas, privilegiando-se o contato informal e freqüente, dentro e fora da Escola, não apenas com os estudantes, mas também com seus professores, inspetores, outros funcionários da escola, familiares e amigos destas pessoas durante, aproximadamente, seis meses de pesquisa de campo. Realizei entrevistas abertas com roteiros, mas simultaneamente, me permitia e privilegiava ser conduzida pelos entrevistados.

A turma da manhã é composta por 27 alunos, sendo 24 homens e 3 mulheres, uma turma majoritariamente masculina, assim como a maioria das turmas da Escola Henrique Lage, sobretudo nos cursos de máquinas navais. A turma da noite, inicialmente era composta por aproximadamente 58 alunos, porém hoje em dia é constituída por apenas 10 alunos, sendo 8 homens e 2 mulheres, uma turma também majoritariamente masculina. O pequeno número de alunos não é algo exclusivo desta turma, mas de praticamente todas as turmas noturnas do ensino técnico que têm o ensino médio concomitante. A taxa de evasão é mais acentuada à noite porque "*o pessoal trabalha e às vezes não dá conta de trabalhar e também estudar.*" (Fernando). A turma da noite é composta por um público mais velho, apenas três alunos têm entre 17 e 19 anos. Ao contrário, a turma da manhã é composta exclusivamente por pessoas entre 16 e 19 anos.

Delineando Trajetórias Sociais

O fato dos estudantes da turma da manhã serem pessoas que dependem financeiramente da família acaba por afastar a idéia do casamento, mesmo para os poucos que namoram. Eles privilegiam o término dos estudos e a sonhada independência financeira a ser conseguida através de um emprego formal com carteira assinada, antes disso, contudo, almejam estagiar para se tornarem *técnicos de verdade*. Os três alunos que trabalham não contam com remuneração suficiente para a própria subsistência, assim como o único aluno que faz estágio, o que libera o dinheiro ganho para gastos pessoais ou ocasionais *ajudas* em casa (GUEDES, 1997). O trabalho para estas pessoas pode não ser capaz de gerar renda suficiente para a independência em relação aos pais, contudo ele traz consigo *responsabilidade* e aproxima estas pessoas da vida adulta, já que "[...] ter dinheiro é muito importante para se afirmar em relação aos colegas, em relação às meninas, para poder sair com os colegas e com as meninas, portanto para ser reconhecido como um 'homem'." (BOURDIEU, 1978, p.115). Ainda neste sentido, a mãe de Douglas afirma ter colocado o filho na escola técnica para *já sair com uma profissão*, principalmente por ele ser homem. Para ela, "*o jovem precisa trabalhar, quer levar uma namorada no cinema, quer comprar presente, isso e aquilo. A mulher, a mãe até dá... e o homem? Então, não é só ficar de mesada. Até quando vai ficar de mesada?*" (Marta) .

As famílias dos estudantes, em sua maioria, podem ser consideradas como pertencente ao segmento médio de classe trabalhadora, configurando uma pequena classe média. Este segmento específico desfruta de certa estabilidade e certo nível de qualificação profissional, possibilitando oferecer melhor nível de escolaridade aos filhos, bem como meios para usufruir melhor de tal escolaridade. Dentre estes meios estão a escola particular na infância, os cursinhos de línguas estrangeiras, o computador em casa com internet, entre outros. O investimento na educação é valorizado e as famílias projetam o futuro dos filhos tendo a educação como um parâmetro básico para a ascensão social.

Muitos alunos que foram orientados pelos pais a estudar na Escola Henrique Lage apresentam um histórico familiar ligado à profissão técnica. Alguns pais ou familiares fizeram curso técnico ou até mesmo estudaram no Henrique Lage.

Planos de Futuro

O término do curso técnico em máquinas navais é uma prioridade para todos os alunos, independente do turno. Terminar o curso não significa apenas concluir as disciplinas do ensino médio e do ensino técnico, porquanto ao final do curso, estas pessoas são apenas auxiliares técnicos. Obter um estágio é condição *sine qua non* para conseguir o *status* de técnico em máquinas navais, posição profissional que finalmente se consegue através do registro junto ao Conselho Regional de Engenharia, Arquitetura e Agronomia do Estado (CREA). *Ter um CREA* é a última etapa do processo de se tornar, de fato, um técnico. Contudo, os planos de futuro dos estudantes não ficam restritos à carreira técnica.

Ser técnico é, para os estudantes pesquisados, uma oportunidade de *ser alguém na vida*. Por outro lado, para este segmento da classe trabalhadora, *ser alguém na vida* também envolve a formação a nível superior, aquela que é adquirida nas universidades e faculdades. Definitivamente, a realização de um curso na *faculdade* aparece nos discursos dos alunos das duas turmas como o mais relevante dos planos de futuro e as representações geradas acerca do curso superior apresentam pontos convergentes.

Há um crescente interesse de diversos segmentos da sociedade pela educação superior. Para Schwartzman (2000), no Brasil e em outros países em desenvolvimento, a função da educação superior muitas vezes é permeada por uma interpretação "econômica" e uma interpretação "credencialista", pois nestas nações a correspondência entre os sistemas de poder e prestígio e as hierarquias de competência individual e organizacional tende a ser pouco nítida.

O desejo pela formação a nível superior ainda leva-nos a refletir acerca de pelo menos duas questões iniciais. No caso dos alunos jovens, que foram encaminhados à escola técnica pelos pais, quais são as alternativas encontradas por eles e pelas famílias para o ingresso em

alguma instituição de nível superior? No caso dos adultos da turma da noite, como é pensado o acesso à faculdade?

Temos que reconhecer que a Escola Técnica Estadual Henrique Lage não é uma instituição voltada para a preparação de exames como o vestibular. A respeito da formação técnica deficitária o discurso do MEC ressalta:

Dessa forma, grande parte dessas escolas, nas quais estudam os filhos da classe trabalhadora, tentam reproduzir o academicismo das escolas privadas, mas não conseguem fazê-lo por falta de condições materiais concretas. Deste modo, em geral, a formação proporcionada nem confere uma contribuição efetiva para o ingresso digno no mundo de trabalho nem contribui de forma significativa para o prosseguimento dos estudos no nível superior. (BRASIL, 2007, p.26).

Um dos meios encontrados pelos pais e pelos próprios estudantes para *passar no vestibular* é a realização do curso pré-vestibular. Neste curso são ensinados os conteúdos exigidos nos processos seletivos das instituições de ensino superior e que não foram aprendidos no Henrique Lage por conta da carga horária reduzida em detrimento das disciplinas técnicas priorizadas em favor das necessidades imediatas do mundo do trabalho ou mesmo pela constante falta de professores, greves e paralisações de ordens diversas. Nenhum aluno da turma da noite cursa o *pré*. Além do vestibular, o ENEM² é uma alternativa para a realização do curso superior, vivenciada por muitos estudantes de ambas as turmas.

Na turma da manhã foi possível encontrar pessoas interessadas em *passar numa federal*, mesmo sabendo da dificuldade maior dos processos seletivos e da deficiência na formação adquirida na escola em termos de ensino médio. Nestes casos, estas pessoas, reconhecendo esta deficiência, planejam fazer um *pré* após a conclusão do curso. Outros pensam em trabalhar primeiro como técnicos e *ver o que esse curso vai oferecer como emprego, como renda, se vai ser bem remunerado, pra depois fazer a faculdade*. Nenhuma pessoa da turma da noite cogitava a idéia de estudar em uma universidade pública, justamente pela dificuldade de ser aprovado no vestibular e pelo fato da dedicação, praticamente exclusiva aos estudos.

A engenharia é uma área tradicional do conhecimento e tem um forte componente corporativo e credencialista – um componente de status, na medida em que “o título em si mesmo é uma instituição” (BOURDIEU, 1998, p.149). Acerca da engenharia há diversas representações que agregam reconhecimento e valorização, em detrimento de áreas tidas como mais pluralistas. A engenharia seja ela qual for, aparece como o curso que mais atrai os alunos, independente do

² Exame Nacional do Ensino Médio – é uma prova criada pelo Ministério da Educação do Brasil para servir como uma ferramenta a favor da avaliação da qualidade geral do ensino médio no país.

turno e da idade, mesmo aqueles que não têm predileção pela matemática ou que não gostam do curso.

Os estudantes reconhecem que o processo seletivo para o ingresso numa instituição de ensino superior particular é menos rígido para o curso de engenharia e ao mesmo tempo viabiliza o trabalho durante o dia e o estudo durante a noite, estando de fato no campo de possibilidades destas pessoas (VELHO, 1994). Assim, alguns pais chegam a mencionar o desejo de colocar o filho numa faculdade particular de engenharia, mesmo que para isso tenham que diminuir as despesas, procurar uma *promoção* na faculdade ou mesmo contar com a *ajuda* financeira advinda do trabalho do filho.

Os cursos complementares ocupam um lugar menos privilegiado, contudo também aparecem nos planos de futuro dos estudantes, especialmente no que se refere à aquisição da prática, mas no turno da noite apenas os cursos de língua estrangeira, especialmente de língua inglesa, aparecem nos planos de futuro destas pessoas. *Saber inglês* é ter um *diferencial de mercado* e ao mesmo tempo é uma condição prévia para os que desejam *trabalhar embarcado* em empresas multinacionais que apresentam maiores chances de *crescimento e reconhecimento profissional*.

Correr atrás é uma expressão recorrente nos discursos sobre os planos de futuro profissional dos estudantes de ambas as turmas, pois é preciso *lutar e investir com garra para ser alguém na vida*, o que é um *sacrifício*. As relações pessoais não são desprezadas na hora de conseguir um estágio ou um emprego. Para eles, é importante ter um *padrinho, alguém para te indicar numa empresa* porque conseguir um estágio não é uma tarefa fácil, principalmente porque as empresas sabem que os estudantes do Henrique Lage *não têm a parte prática*.

Para estes estudantes, o trabalhador é o responsável por sua própria empregabilidade, que consiste em *correr atrás e conseguir qualificação*. Tal fato implica um interminável *correr atrás*, isto é, continuar somando esforços individuais capazes de aumentar e ampliar as *qualificações* através do estudo e, por conseguinte aumentar as chances de manutenção do emprego e de *subir na empresa*, alcançando cargos superiores. A noção de que o indivíduo é a figura central da empregabilidade está relacionado intimamente com o paradigma básico de ensino, no qual a escola reforça a idéia do sucesso individual. Com isso, há uma generalização na escola, que parte de uma lógica individualista para uma de grupo. Todavia, “[...] para a classe como classe, o gradiente acadêmico e ocupacional mede não capacidades, mas simplesmente sua própria e inalterável repressão.” (WILLIS, 1991, p.164).

Algumas Representações sobre o que é Ser Técnico

A compreensão a respeito do que é ser técnico para pessoas inseridas no processo de iniciação profissional proporcionado por escolas técnicas, necessariamente, envolve representações fundamentadas na

oposição “saber prático x saber teórico”. Neste sentido, uma série de hierarquizações surge envolvendo estes dois tipos de saberes.

Conforme tais concepções, o “saber prático” é pragmático e está centrado na ação, mas, evidentemente, não é apenas isso. Ele constitui-se como um corpo de conhecimentos sistematizados, ou seja, ele segue princípios lógicos voltados para finalidades específicas que vão além da dimensão utilitarista. De algum modo, ele envolve uma classificação e toda classificação é superior ao caos porque é uma etapa para a ordem racional, mesmo que seja realizada no nível das propriedades sensíveis (LÉVI-STRAUSS, 1976). O “saber teórico”, a teoria ou a ciência também constitui uma parte do conhecimento sistematizado, mas esta sistematização apresenta maior grau de objetividade, bem como ocorre de acordo com interesses institucionais e de grupos dominantes. Assim, este saber que é comumente vinculado ao sistema escolar, favorece a reprodução da estrutura da distribuição do capital cultural entre as classes e a perpetuação da estrutura de relações de classe (BOURDIEU, 1974).

As concepções sobre o “saber prático” ocupam uma posição central na construção social dos trabalhadores urbanos brasileiros. De acordo com Guedes (1997, 2000), a importância deste saber reside no fato do mesmo ser considerado como um atributo distintivo dos trabalhadores, configurando, na verdade, um patrimônio próprio, que simbolicamente

[...] enfeixa os aspectos mais importantes de sua forma de estar no mundo, e que, ao dar-lhes um lugar positivado neste mundo, simultaneamente, constrói uma duplicação da exclusão do que chamam de teoria ou saber teórico, dificultando sua relação com os processos educativos que vêm como externos a eles, provenientes de uma cultura letrada. (GUEDES, 2000, p.2).

O “saber prático” é reconhecido enquanto patrimônio pelos estudantes de máquinas navais, ainda que não seja amplamente valorizado enquanto tal pela sociedade, pois “[...] o reconhecimento de patrimônios culturais em sociedades complexas tende a excluir, tacitamente, o daqueles que não possuem os bens culturais valorizados pela sociedade como um todo, como é o caso dos trabalhadores.” (GUEDES, 2000, p.3). Ainda assim, para os estudantes pesquisados, mesmo que não seja um patrimônio amplamente valorizado, ter a *prática* é ter um patrimônio muito valorizado. No caso desta pesquisa, quem possui este patrimônio são aqueles estudantes que têm ou tiveram alguma experiência prática acumulada na área e que conseguem traduzir verbalmente este patrimônio e, de certa forma, o exibem orgulhosamente através da participação e do estabelecimento de diálogos junto aos professores das disciplinas técnicas. Diante desta posse – “saber prático” acumulado pela experiência na área – eles são vistos como indivíduos que têm um *diferencial*, que os tornam mais propensos a ter sucesso na carreira técnica, diferentemente daqueles que têm que *vencer a dificuldade de aprender o motor no papel*.

Rafael, o único aluno da manhã que estagia, trabalha *no campo*, ou seja, *botando a mão na massa, sujando de graxa, voltando com chulé, tomando banho de óleo*. No estágio ele aprende a parte prática que não é ensinada pela escola. Com isso ele consegue ter acesso e acumular saber prático, que também é orgulhosamente exibido durante as aulas relativas às disciplinas técnicas.

A transmissão do saber prático envolve um processo de socialização vertical entre gerações, ou seja, uma "pedagogia nativa", na qual se concentram os esforços sobre o neófito no que se refere ao aprendizado da profissão (GUEDES, 2000). Esta transmissão não ocorre através de doutrinas formais, o que favorece o aprendizado, tornando-o mais acessível aos trabalhadores que rejeitam a cultura letrada. Mas, por outro lado, exige *esforço* individual, *manha*, astúcia e *humildade* acima de tudo porque mesmo tendo o segundo grau técnico ele terá que aprender com o *peão*, qualificado especialmente por *saber fazer*:

O curso apenas é capaz de dar *noções boas*, pois *técnico* você se torna, é um processo que exige *dedicação* e *vontade de aprender no trabalho*, momento no qual realmente se aprende *vendo, ouvindo, mexendo e fazendo*. Ainda, a prática associada à *dedicação* constitui um elemento na ascensão profissional.

A ausência de laboratórios, oficinas ou mesmo visitas técnicas na grade curricular do curso apresenta-se como um problema central na vida dos estudantes, exceto para aqueles que entraram na escola já sabendo a *prática*. Para os estudantes que não têm a parte prática a inexistência de aulas práticas faz com que cheguem ao final do curso sem saber o que é a profissão, que não tem como ser aprendida apenas no *papel*. O laboratório é um importante *lôcus* da prática porque possibilita ver *as paradas acontecendo*, sem este espaço o aluno precisa imaginar muito para entender. Alguns professores *esforçados* desenham peças e motores no quadro, trabalham com figuras, outros chegam a criar verdadeiras performances, como Célio que tenta imitar o movimento do pistão do motor usando o próprio braço. Ainda sim, a obrigação dos estudantes em encarar a *prática* de forma teórica é sentida como um *sacrifício*, uma tarefa exaustiva e ineficiente.

O receio em não saber lidar com o trabalho prático também está vinculado à inerente periculosidade dos estaleiros. A ausência da experiência prática gera restrições no *mexer* e no *fazer* num ambiente que, além de oferecer riscos para a saúde e para a vida do trabalhador, é *porcalhão, sujo e feio*. Como o trabalho do técnico em máquinas navais está permeado pelo perigo e pelo risco de vida, o trabalhador tem que ter *responsabilidade*. A categoria *responsabilidade* é recorrentemente trabalhada nas etnografias de cultura de classe trabalhadora. Neste caso, a *responsabilidade* aparece atrelada a variadas dimensões do trabalho.

Há representações construídas acerca do técnico em máquinas navais que tendem a equilibrar os saberes prático e teórico. Destarte, o técnico aparece como um intermediário entre o *peão*, figura mais representativa do "saber prático" e o engenheiro, associado especialmente ao "saber teórico". O técnico incorpora a função de tradutor entre o

trabalho realizado pelo peão e o trabalho realizado pelo engenheiro. Idealmente, ele

[...] deverá ter em sua formação um equilíbrio entre a teoria e a prática, isto é, é aquele que irá viabilizar os projetos elaborados pelos engenheiros, acompanhando sua execução junto ao operário. Neste acompanhamento, **ele é tradutor das necessidades do engenheiro junto ao operariado menos qualificado tecnicamente e do próprio operariado, apresentando em linguagem técnica as dificuldades para a elaboração do trabalho.** Ele necessita da teoria para entender o trabalho proposto e da prática para poder torná-lo exequível. (ESCOLA TÉCNICA ESTADUAL HENRIQUE LAGE apud MOTTA, 1992, p.36, grifo nosso).

A posição intermediária do técnico, fundamentada pela combinação idealmente equilibrada entre a *prática* e a *teoria*, o permite participar, de alguma maneira, tanto dos trabalhos realizados pelo peão quanto dos trabalhos realizados pelo engenheiro. Assim sendo, é possível que o técnico, em projetos de pequeno porte, assuma toda a *responsabilidade*. Em casos como este, o engenheiro passa somente a supervisionar o projeto, interferindo na concretização do mesmo apenas diante do surgimento de problemas mais específicos, cujas soluções fujam à competência do técnico. Por outro lado, esta mobilidade do técnico suscita a construção de possíveis oposições entre as três categorias profissionais envolvidas.

A atuação profissional do engenheiro é desvalorizada porque sua formação é vista pelos estudantes pesquisados como exclusivamente fundamentada pela teoria. De acordo com Guedes (2000), o *diploma*, para este segmento de classe trabalhadora, é visto como resultado de um saber que não se construiu no *fazer* e não capacita para atuações concretas. *Ser de papel e caneta* significa não estar apto a lidar com o *fazer*, o que gera uma desvantagem para este profissional no *campo*. Diante desta falta de aptidão para o *fazer*, os profissionais detentores da prática articulam, de forma sagaz, determinadas situações que podem ser consideradas como verdadeiros momentos de teste, porquanto o "saber prático" do engenheiro é testado e desaprovado. Nestas situações ocorre uma inversão simbólica em termos de hierarquia profissional, a partir da perspectiva dos profissionais detentores da prática. Nesta nova hierarquia, o engenheiro passa a ocupar uma posição abaixo do técnico em detrimento da carência de "saber prático", já o técnico, através dos seus conhecimentos práticos, se coloca como *o dono da situação*, ou seja, passa a ocupar o lugar hierárquico do engenheiro. Intencionalmente, o engenheiro é colocado numa situação permeada pelo constrangimento por não saber lidar com as situações práticas do trabalho, gerando um clima de jocosidade apenas para quem possui o "saber prático".

A relação com o peão é diferente e pode tender a uma espécie de simbiose, já que, conforme já relatado acima, o técnico precisa ter

humildade para aprender com o peão. Esta relação, portanto, envolve uma diferenciada dose de respeito entre as partes. O "saber prático" do técnico é imprescindível como um instrumento de controle do trabalho do peão, porque nesta ocasião, como diz Izadora, "não adianta chegar e mandar o peão fazer uma coisa que você não sabe corrigir." Destarte, os estudantes pesquisados, em determinadas ocasiões, admitem que o técnico, por estar numa posição profissional acima do peão, tem autoridade para mandar e interferir na realização do seu trabalho, especialmente quando *tem cerão e a peozada começa a trabalhar mais devagar*, já que tentam obter o controle informal do processo de trabalho (WILLIS, 1991). Como a *peozada é foda*, isto é, tem *menos disciplina e responsabilidade*, o técnico dentre outras coisas, tem que *colocar limites e exigir o resultado do serviço.*

A atuação do técnico apresenta duas frentes básicas de trabalho: o *campo* e o *escritório*. O *campo*, como já foi mencionado, é o lócus privilegiado da *prática* e como aponta Willis (1991), é o lugar onde através do trabalho físico são expressos valores relacionados à masculinidade. Atuar no *campo* é uma atividade que gera insegurança nos estudantes desprovidos de conhecimentos práticos. Esta insegurança, contudo, se estende ao trabalho do *escritório*, lugar onde mais se observa a presença de mulheres, que são *muito frágeis* para realizar o *trabalho braçal*. Os alunos pesquisados apresentam uma formação incompleta também em termos teóricos. Eles se sentem inseguros para atuar no escritório porque as aulas de desenho apresentam conteúdos diferentes daqueles cobrados pelas empresas. Assim, também acabam reconhecendo que não são *técnicos de verdade* nem para atuar no escritório.

O técnico em máquinas navais apresenta mais possibilidades pela chance de "transferir saberes" de uma área para outra. Sob tal ponto de vista, todos os cursos que envolvem a "mecânica" são extremamente valorizados, porque, segundo os alunos pesquisados, *sempre vai ter motor*, ou seja, oferta de empregos e, conseqüentemente, mais oportunidades no que se refere à construção de uma carreira na área. Este curso *tem mais carreira*, ele é visto pelos alunos pesquisados como um elemento capaz de ampliar o campo de atuação profissional dos indivíduos porque *tem um leque muito grande* porque os princípios da mecânica aprendidos neste curso não se aplicam exclusivamente na área naval, mas também em outros setores produtivos.

Considerações Finais

A escola técnica é voltada, acima de tudo, para a formação de pessoas para atuar no mercado de trabalho, um espaço relevante no que se refere à iniciação ou formação de trabalhadores. O trabalho é um dos eixos centrais deste tipo de instituição, que idealmente, propõe desenvolver de forma equilibrada saberes teóricos e práticos. Neste sentido, a escola técnica é vista como uma forma mais rápida de inserção no mundo do trabalho e conseqüente independência financeira, manutenção da empregabilidade ou mesmo uma chance de galgar certas

posições profissionais, antes negadas em detrimento da ausência de certificação.

O ponto de vista dos estudantes pesquisados a respeito da escola técnica são configurados a partir de concepções ideais a respeito deste tipo de instituição, que deveria equilibrar conhecimentos práticos e teóricos. Por outro lado, vivenciam uma situação muito diversa da ideal. O curso médio técnico em máquinas navais oferecido pela Escola Técnica Estadual Henrique Lage é exclusivamente teórico. Tal fato sugere, conforme os pesquisados, uma formação incompleta. Para os estudantes, o curso não forma *técnicos de verdade*, na medida em que deixa de conceber o "saber prático" como base bem como apresenta a parte teórica de modo incompleto. Assim sendo, aqueles estudantes que não possuem a *prática*, algo essencial nesta formação, não somente anseiam, mas também *correm atrás* de cursos complementares. Já os alunos detentores de experiência prática sentem esta formação incompleta de modo diferente e percebem o curso técnico como um *complemento*, pois já se consideram como *técnicos de verdade* graças à acumulação de "saber prático". A certificação é, para eles, apenas um meio para serem reconhecidos no mercado enquanto *técnicos de verdade* ou mesmo uma chance de concluir o segundo grau tendo algum diferencial em relação às pessoas que fazem apenas o ensino médio e têm que *fazer faculdade* para *ser alguém na vida*, ou seja, ser reconhecida profissionalmente através de uma certificação valorizada socialmente.

Os estudantes pesquisados, assim como suas famílias e professores, reconhecem o lugar social do técnico de forma ambígua porque percebem este profissional como *uma ponte* entre o peão e o engenheiro. Esta ambigüidade gera uma série de construções simbólicas acerca destas três categorias profissionais. É neste sentido que os estudantes pesquisados sonham em *fazer faculdade* para ser engenheiros e atingir o patamar mais alto na hierarquia profissional a qual estão remetidos. De outro modo, também sonham em deter toda a *prática* do peão, que sabe *lidar* com situações reais e concretas porque são os verdadeiros *donos da situação*.

As representações oriundas da oposição "saber prático x saber teórico" na construção do técnico em máquinas navais também envolvem questões relativas a uma dinâmica específica de gênero. Existe uma predominância de homens no curso de máquinas navais. Este curso é relacionado diretamente à mecânica, o que envolve para os alunos pesquisados a possibilidade de *ter mais carreira*. No entanto, esta ampliação da carreira dada em função do curso contar com os princípios básicos da mecânica não é sentida da mesma forma pelas poucas mulheres que também estudam máquinas navais. As mulheres que pesquisei imaginam ter dificuldade no momento de aquisição da *prática* através do estágio obrigatório. Elas afirmam que as empresas costumam contratar as mulheres apenas para trabalhar no *escritório* e não no *campo*, algo que limita o campo de atuação, já que elas, em razão da menor força física, não são consideradas tão aptas quanto os homens para trabalhar *botando a mão na massa*.

Ser técnico, para os estudantes que pesquisei, é uma oportunidade de *ser alguém na vida*. Por outro lado, para este segmento de classe trabalhadora, *ser alguém na vida* também envolve a formação a nível superior. Definitivamente, a realização de um curso na *faculdade* aparece nos discursos dos estudantes como o mais relevante dos planos de futuro. Eles desejam entrar na faculdade para cursar alguma das engenharias. A engenharia aparece no discurso dos alunos e dos pais como uma profissão ideal e “credencialista”. Isso ocorre porque a engenharia é para eles considerada como a profissão de maior *status* nos estaleiros, principal espaço de trabalho destes futuros técnicos.

Tornar-se engenheiro não é algo simples para estas pessoas. Muitas são as barreiras a ser enfrentadas. O vestibular de engenharia é um dos mais concorridos das universidades públicas. Uma vez que os estudantes da Escola Henrique Lage apresentam defasagem em relação aos conteúdos exigidos nestes vestibulares, uma solução encontrada por eles é fazer o Exame Nacional do Ensino Médio ou ingressar numa faculdade particular, que apresenta menor relação candidato x vaga. A faculdade particular está situada no “campo de possibilidades” destas pessoas porque pode dispensar o curso pré-vestibular e permite conciliar estudo e trabalho, algo extremamente almejado por estas pessoas que desejam *ter seu próprio dinheiro*.

Estas pessoas estão *correndo atrás* o tempo todo. *Correr atrás para ser alguém na vida* implica se posicionar enquanto pessoas que têm ideais, como indivíduos que sempre estão tentando encontrar soluções no sentido de enfrentar as adversidades impostas pelo contexto estrutural em que estão inseridos. *Correr atrás* é tentar, de forma individual, sair da inércia imposta pela reprodução da estrutura de classes. É isso que estas pessoas fazem, é tentar achar uma forma individual de estar no mundo. Logo, considero que as pessoas que pesquisei não vivem totalmente condicionadas por uma rígida estrutura social que os obriga a seguirem sólidos padrões em termos de produção e reprodução do indivíduo trabalhador, haja vista que há sempre um espaço limitado, mas aberto a projetos individuais. Ademais, este segmento de classe trabalhadora, através da escolaridade, por exemplo, acaba ganhando certa mobilidade social.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 2.ed. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

_____. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1978.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. Tradução de Sergio Miceli et al. São Paulo: Perspectiva, 1974.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J.-C. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. 2.ed. Tradução de Reynaldo Bairão. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1982.

BRASIL. Ministério da Educação. Educação profissional técnica de nível médio integrada ao ensino médio. **Documento base**. Brasília, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf/documento_base.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2008.

CORCUFF, P. Algumas oposições clássicas em ciências sociais. In: _____. **As novas sociologias**: construções da realidade social. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2001. p.11-32.

GUEDES, S. L. O saber prático e o ensino profissionalizante para os trabalhadores do Rio de Janeiro: Brasil. In: CONGRESSO LATINOAMERICANO DE SOCIOLOGIA DEL TRABAJO, 3, Buenos Aires, 2000. **Anais...** Buenos Aires: NUFEP, 2000.

_____. **Jogo de corpo**: um estudo de construção social de trabalhadores. Niterói: EDUFF, 1997.

LÉVI-STRAUSS, C. A ciência do concreto. In: _____. **O pensamento selvagem**. 2.ed. São Paulo: Nacional, 1976. p.19-55.

MACIEL, C. M. **O lugar da escola técnica frente às aspirações do mercado de trabalho**. 2005. 116f. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.

MOTTA, V. L. M. da. **Caminhos e descaminhos do ensino técnico de 2º grau**: o caso da escola técnica estadual Henrique Lage. 1992. 94f. Monografia (Curso de Especialização em Metodologia de Ensino Superior) - Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1992.

SCHWARTZMAN, S. A revolução silenciosa do ensino superior. In: DURHAM E. R.; SAMPAIO, H. **O ensino superior em transformação**. São Paulo: Núcleo de Pesquisas sobre Ensino Superior: USP, 2000. p.13-30.

THOMAZ, S. B. **Os impasses e as perspectivas do ensino de 2º grau**: o caso concreto do Colégio Estadual Henrique Lage. 1985. 257f.

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1985.

THOMPSON, E. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. v.1.

VELHO, G. **Projeto e metamorfose**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1994.

WILLIS, P. **Aprendendo a ser trabalhador**: escola, resistência e reprodução social. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Daise Batista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.